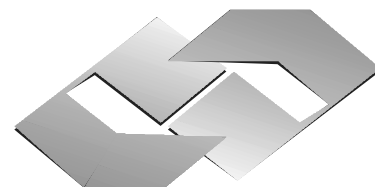




PROCESSO SELETIVO VOCACIONADO



PSV/2008

INSTRUÇÕES: CADERNO DE PROVAS

O caderno de Provas contém questões objetivas de múltipla escolha com 4(quatro) alternativas cada uma, de A e D, e uma Prova de Redação, o qual deverá ser utilizado pelos candidatos aos cursos dos Grupos I, II, III e IV.

Todos os candidatos inscritos, independentemente de Curso e/ou Grupo, deverão responder à Prova de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e à Redação.

Os candidatos dos Grupos I, II, III e IV deverão responder APENAS A UMA das Provas de Língua Estrangeira (Inglês/Francês/Espanhol), de acordo com sua opção, **exceto os candidatos ao Curso de Ciência da Computação, que deverão responder, obrigatória e exclusivamente, à Prova de Língua Inglesa.**

O quadro abaixo indica os Grupos de Cursos e as Respectivas Provas:

Grupo de Cursos	Grupos	Provas
I	Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Gestão Ambiental e Turismo.	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira – Questões de 01 a 20.
II	Ciências da Religião, Ciências Sociais, Comunicação Social, Direito, Filosofia, Geografia, História, Letras, Pedagogia, Serviço Social e Música.	
III	Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Medicina e Odontologia.	Língua Estrangeira (Inglês, Francês, Espanhol) – Questões de 21 a 30.
IV	Ciência da Computação, Física, Matemática e Química.	Redação

FOLHA DE RESPOSTAS

- 1) Você receberá o caderno de questões juntamente com 2 (duas) Folhas: Folha de Respostas de Questões Objetivas e Folha de Redação.
- 2) Leia cuidadosamente as questões em cada uma das provas e marque a resposta correta na Folha de Respostas correspondente, observando a numeração indicada.
- 3) Existe APENAS UMA resposta correta para cada questão objetiva.
- 4) Use caneta esferográfica de tinta azul ou preta ao assinar sua resposta na Folha de Redação e preencha completamente o espaço a ela destinado, sem ultrapassar os seus limites.

FOLHA DE REDAÇÃO

- 1) Confira seus dados na Folha de Redação e assine-a no espaço reservado para tal fim.
- 2) Utilize o espaço reservado ao Rascunho para elaborar a sua Redação, se necessário.
- 3) Use somente caneta esferográfica de tinta azul ou preta ao transcrever o texto para a Folha de Redação e observe as instruções constantes neste caderno.

ATENÇÃO!

- ❖ É de sua inteira responsabilidade a marcação correta na Folha de Respostas.
- ❖ Você terá 4 (quatro) horas para responder a estas Provas e só poderá ausentar-se provisoriamente da sala de provas após 01 (uma) hora delas iniciadas e ausentar-se definitivamente da sala de provas após 02 (duas) horas.
- ❖ Você só poderá levar o Caderno de Provas no último dia do vestibular, desde que identificado.
- ❖ Os objetos devem ser colocados em local indicado pelo fiscal da sala, inclusive aparelho celular desligado e devidamente identificado com etiqueta.
- ❖ Somente em caso de urgência pedir ao fiscal para ir ao sanitário, devendo no percurso permanecer absolutamente calado, podendo antes e depois da entrada sofrer revista através de detector de metais.
- ❖ Os fiscais não estão autorizados a emitir opinião e prestar esclarecimentos sobre o conteúdo das provas. Cabe única e exclusivamente ao candidato interpretar e decidir.
- ❖ É proibida a reprodução total ou parcial deste material, por qualquer meio ou processo, sem autorização expressa da Consulplan Consultoria.
- ❖ A desobediência a qualquer uma das recomendações constantes nas presentes instruções poderá implicar na anulação da prova do candidato.

Confira a seqüência das páginas e das questões de seu Caderno de Provas. Se for identificado algum problema, informe-o ao Fiscal.

3

NOME

INSCRIÇÃO



TEXTO I: “Subsídios para história da independência” (fragmento)

(...)

Enfim todas essas manifestações de passadismo nacional divertem bastante a gente. E isso é que é essencial. O resto vem depois.

Um dos maiores benefícios que o movimento moderno nos trouxe foi justamente esse: tornar alegre a literatura brasileira. Alegre quer dizer: saudável, viva, consciente de sua força, satisfeita com seu destino.

Até então no Brasil a preocupação de todo escritor era parecer grave e severo. O riso era proibido. A pena molhava-se no tinteiro da tristeza e do pessimismo. O papel servia de lenço. De tal forma que os livros espremidos só derramavam lágrimas. Se alguma idéia caía vinha num pingo delas. A literatura nacional não passava de uma queixa gemebunda.

Por isso mesmo o segundo tranco da reação foi mais difícil: integração no ambiente. Fazer literatura brasileira mas sem choro. Disfarçando sempre a tristeza do motivo quando inevitável. Rindo como um moleque. Cousa muito mais higiênica do que suspirar como um conselheiro. E sobretudo muito mais bela.

Aí está o segredo da vitória. Nesta terra de carpideiras intelectuais bastou uma gargalhada moça para renovar o ambiente. Tudo ganhou aspecto novo. Tudo começou a viver. Tudo gargalhou também de puro gozo.

Eu já não agüento mais. (...)

(MACHADO, Antônio de Alcântara. *Obras: prosa preparatória & cavaquinho e saxofone. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1983. v.1, p.183-7.*)

01) O texto de Alcântara Machado corrobora que:

- A) O movimento moderno era apenas um “movimento do contra”.
- B) O movimento moderno foi benéfico à literatura brasileira, dando-lhe aspecto novo.
- C) Com o movimento moderno, a literatura nacional continuaria sendo uma queixa gemebunda.
- D) O movimento moderno incentivou muito a fazer uma literatura triste.

02) Está INCORRETO afirmar que:

- A) O autor defende a continuidade de fazer uma literatura baseada na tristeza, na angústia, no pessimismo.
- B) A literatura, antes do movimento moderno, caracterizava-se pelo lamento e pelo pessimismo.
- C) A alegria na literatura significa uma produção com vida, com força.
- D) A substituição da tristeza pela alegria deu vida à literatura moderna brasileira.

03) TEXTO II:

Poética (fragmento)

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbados

O lirismo difícil e pungente dos bêbados

O lirismo dos “clowns” de Shakespeare.

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.(...)

(clowns = palhaços)

(Bandeira, Manuel. *Poesia Completa e prosa 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985 p. 2007.*)

No fragmento de “Poética”, percebe-se que, EXCETO:

- A) Surge um novo tempo com um fazer literário renovado.
- B) O poeta, como outros, rompe com as normas estabelecidas anteriormente para o fazer poético.
- C) O poeta deseja uma continuidade dos modelos tradicionais.
- D) O poeta deseja a instauração de uma sensibilidade e linguagem próximas da realidade.

TEXTO III:

O Ateneu (fragmentos)

(...)

No sinistro do Ateneu a coisa foi evidente. Depois das bombas, a violência das chamas chegou ao auge. Do interior do prédio, como das entranhas de um animal que morre, exalava-se um rugido surdo e vasto. Pelas janelas, sem batentes, sem bandeira, sem vidraça, estaladas, carbonizadas, via-se arder o teto; desmembrava-se



o telhado, furando-se bocas hiantes para a noite. Os barrotes, acima de invisíveis braseiros, como animados pela dor, recurvavam crispações terríveis, precipitando-se no sumidouro.

No meio da multidão comentava-se, explicava-se, definia-se o incêndio.

“Que felicidade ser o desastre em tempo de férias! — Dizem que foi proposital...” Afirmava-se que o fogo começara de uma sala onde estavam em pilha os colchões, retirados para a lavagem da casa. Diziam que começara simultaneamente de vários cantos, por arrombamentos de tubo de gás perto do soalho. Alguns suspeitavam de Aristarco e aventuravam considerações a respeito das circunstâncias financeiras do estabelecimento e do luxo do diretor.

A notícia do incêndio, apesar da hora, espalhara-se em grande parte da cidade. Nas ruas do arrabalde havia um movimento de festa. Grande número de alunos tinham concorrido a testemunhar. Alguns empenhavam-se com bravura no serviço. Outros cercavam o diretor, em silêncio, ou fazendo exclamações sem nexos e manifestando os sintomas da mais perigosa desolação.

Aristarco, que se desesperava a princípio, refletiu que o desespero não convinha à dignidade. Recebia com toda a calma as pessoas importantes que o procuravam, autoridades, amigos esforçados em minorar-lhe a mágoa com o lenitivo profícuo dos oferecimentos. Afrontava a desgraça soberanamente, contemplando o aniquilamento de sua fortuna com a tranqüilidade das grandes vítimas. (...)

(...) impressionou-me para sempre o desfalecimento flácido dos membros, quando levantaram o cadáver, (...) com um movimento próximo dos que padeciam intolerável angústia (...)

(Pompéia, Raul)

04) Com base no fragmento está INCORRETO que:

- A) Há o relato referente ao incêndio do Ateneu.
- B) Alguns chegaram a suspeitar que Aristarco fosse o responsável pelo incêndio.
- C) Para Aristarco o desespero não comprometia a dignidade.
- D) “Lá estava, a uma cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo de cinza...” essa é a descrição de Aristarco após o incêndio.

05) Está correto afirmar em relação ao Ateneu, à obra como um todo:

- A) Em poucas partes da história observa-se a constante Fraco x Forte.
- B) Venâncio era um aluno rebelde que enfrentava Aristarco.
- C) “Diziam que o incêndio começara simultaneamente de vários cantos” – “simultaneamente” significa “gradativamente”.
- D) “Nas ruas do... havia um movimento de festa” – “havia” substituído por “tinha” não compromete o uso formal da língua.

06) Assinale a alternativa cuja consideração esteja INCORRETA:

- A) “... por toda a circunvizinhança choviam fagulhas” – “fagulhas” é sujeito do verbo “choviam”.
- B) “Aristarco, que se desesperava a princípio...” “– que” retoma a palavra Aristarco.
- C) “O jardim era invadido pela multidão” – A oração está na voz passiva analítica.
- D) “... escalava-se um rugido surdo” – “se” indica indeterminação do sujeito.

07) Com base no último trecho do fragmento (linhas 20 e 21), está correta a alternativa:

- A) “o desfalecimento flácido dos membros” é complemento do verbo “impressionou-me”.
- B) O pronome “me” tem valor possessivo no texto.
- C) “que” é pronome relativo e retoma o pronome demonstrativo “os” em “dos”.
- D) A preposição “para”, no texto, indica finalidade.

08) Todas as afirmativas, em relação ao último trecho do fragmento (linhas 20 e 21), estão corretas, EXCETO:

- A) Há uma oração que estabelece uma relação de tempo.
- B) O sujeito do verbo “levantaram” é oculto.
- C) “o cadáver” é complemento do verbo “levantaram”.
- D) O pronome relativo “que” tem a função de sujeito do verbo “padeciam”.



TEXTO IV:

“Os sete constituintes” (fragmentos)

<p>(...) Eu vinha de Canindé Com sono e muito cansado, Quando vi perto da estrada Um juazeiro copado. Subi, armei minha rede E fiquei ali deitado</p> <p>Como a noite estava linda, Procurei ver o cruzeiro, Mas, cansado como estava, Peguei no sono ligeiro. Só acordei com uns gritos Debaixo do juazeiro.</p> <p>Quando eu olhei para baixo Eu vi um porco falando, Um cachorro e uma cobra E um burro reclamando, Um rato e um morcego E uma vaca escutando.</p> <p>O porco dizia assim: – “Pelas barbas do capeta! Se nós ficarmos parados A coisa vai ficar preta... Do jeito que o homem vai, Vai acabar o planeta.</p>	<p>Já sujaram os sete mares Do Atlântico ao mar Egeu, As florestas estão capengas, Os rios da cor de breu E ainda por cima dizem Que o seboso sou eu.</p> <p>Os bichos bateram palmas, O porco deu com a mão, O rato se levantou E disse: – “Prestem atenção, Eu também já não suporto Ser chamado de ladrão.</p> <p>O homem, sim, mente e rouba, Vende a honra, compra o nome. Nós só pegamos a sobra Daquilo que ele come E somente o necessário Pra saciar nossa fome.”</p> <p>(...) Mas, o morcego notando Que ia acabar a paz, Pulou na frente do burro E disse: – “Calma, rapaz!... Baixe a guarda, abra o casco, Não faça o que o homem faz.”(...)</p>
--	--

(Francisco, Antônio in – Dez Cordéis num Cordel só)

09) Considerando o texto, está correto afirmar que:

- A) É um relato do sonho que o escritor teve sobre uma conversa entre sete animais.
- B) Todos os animais, os sete constituintes, fazem críticas severas ao homem.
- C) O locutor não concorda com os sete animais que dialogam sob a copa do juazeiro.
- D) O morcego foi o único animal que fez crítica ao homem.

10) TEXTO V:

“Os sete constituintes” (fragmento)

(...)“O burro disse: – Eu sei
 que sou melhor do que ele.
 Mas se eu morder o homem
 Ou se eu der um coice nele.
 É mesmo que estar trocando
 O meu juízo no dele.”(...)

(Francisco, Antônio in – Dez Cordéis num Cordel só)

Todas as considerações a respeito da estrofe estão corretas, EXCETO:

- A) Há uma relação de comparação entre as orações.
- B) “Mas” estabelece uma oposição.
- C) “Ou” estabelece relação de acréscimo.
- D) “Nele” retoma a palavra “homem”.

TEXTO VI:

“No Urubuquaquá, no Pinhém” (fragmento)

(...) Trastanto, se o Olquiste se estendeu nos pelegos, para sestear, segundo uso. O frade desembolsou o rosário, tecendo uma pouca de reza, ali na borda do riacho, cuja água, alegrinha em frio, não espera por ninguém. —“Você sabe o que o lugar aqui está aconselhando, ô Pedro?” — ele pôs. — “Pois para fazer arrependimento dos pecados, p’ra se confessar... Hem? Você está recordado do catecismo?...” Frei Sinfrão se fazia muito ao gracejar com a gente, dava gosto. Rezava como se estivesse debulhando milho em paiol, ou



roçando mato. Aquele exemplo aumentava qualquer fé. O Ivo tinha botado as garrafas de cerveja debaixo da correnteza d'água, para refrescarmos; entre uma oração e outra, frei Sinfrão bebia um copo cheio. (...)

(Rosa, João Guimarães)

11) Percebe-se no trecho dentro da obra de Guimarães Rosa todas as considerações, EXCETO:

- A) Uma linguagem que rompe com o padrão estabelecido, com a sintaxe tradicional.
- B) Uma linguagem considerada incorreta.
- C) Uma linguagem que reproduz a transcendência humana.
- D) Uma revolução rosiana, ou seja, uma revolução lingüística.

12) Segundo o texto anterior pode-se afirmar que:

- A) Frei Sinfrão era uma figura austera.
- B) O frade não era uma pessoa sensível.
- C) Frei Sinfrão era um exemplo de fé para os que estavam com ele.
- D) O frade condenava o uso de bebidas.

13) O texto revela:

- A) O sentimento de religiosidade e temor.
- B) Deus dominava os homens do sertão.
- C) Somente a valentia daqueles homens do sertão.
- D) A maldade dominava os homens daquelas paragens.

14) Analise as afirmativas e assinale a correta considerando a obra referenciada como um todo:

- A) Guimarães Rosa cria sua história e personagens sem dar destaque ao espaço em que a vida acontece.
- B) Os personagens de “O recado do morro” são homens rudes, sem sentimento, sem emoção.
- C) Para Pedro Osório, Cordisburgo era o lugar mais formoso...
- D) Seu Olquiste, a cavalo, se governava bem, tomava nota e escrevia na caderneta.

TEXTO VII:

“Do outro lado do véu” (fragmentos)

(...) “Tem uns querendo saber,
Independente da fé,
Da cor, dos olhos ou da pele,
Ou do solado do pé
Se tem vida após a morte,
E, se tem, como ela é.”
(...)

“Chegou bem perto de mim
e disse : _ “eu vim lhe buscar
pra ir agora comigo
e conhecer um lugar
onde nem um ser humano
vivo conseguiu chegar”.
(...)

(Francisco, Antônio in Dez Cordéis num Cordel só)

15) Percebe-se na estrofe:

- A) O predomínio da modalidade culta.
- B) A função da linguagem conativa.
- C) O predomínio da modalidade coloquial.
- D) O uso excessivo de palavras em sentido figurado.

16) Pode-se verificar na segunda estrofe que:

- A) O emprego do pronome “lhe” obedece à regência do verbo “buscar”.
- B) “onde” – é pronome relativo e retoma o nome “lugar”.
- C) “onde” foi usado de acordo com a regência do verbo “chegar”.
- D) “nem um ser humano” tem o mesmo valor semântico e sintático de “nenhum ser humano”.

17) Todas as alternativas abaixo sobre a obra “Dez Cordéis num Cordel só” do poeta Antônio Francisco são verdadeiras, EXCETO:

- A) É a autêntica expressão literária nordestina.
- B) É a história popular dos que vivem no sertão.
- C) É o canto revelando o dia-a-dia do homem simples do Nordeste.
- D) Faz referência aos versos cantados em todas as regiões brasileiras.

**TEXTO VIII:****“A melhor escola do mundo” (fragmento)**

(...) Apesar do despojamento, as escolas finlandesas lideram o *ranking* do Pisa, a mais abrangente avaliação internacional de educação, feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O último teste, em 2006, foi aplicado em 400.000 alunos de 57 países. O Brasil disputa as últimas posições com países como Tunísia e Indonésia. O segredo da boa educação finlandesa realmente não está na parafernália tecnológica, mas numa aposta nas duas bases de qualquer sistema educacional. A primeira é o currículo amplo, que inclui o ensino de música, arte e pelo menos duas línguas estrangeiras. A segunda é a formação de professores. O título de mestrado é exigido até para os educadores do ensino básico.

Dar ênfase à qualidade dos professores foi um dos primeiros passos da reforma educacional que o país implementou a partir dos anos 70, e é nesse quesito que a Finlândia mais tem a ensinar ao Brasil. Quarenta anos atrás, metade da população finlandesa vivia na zona rural. A economia era dependente das flutuações do preço da madeira, já que 55% das exportações vinham da indústria florestal. Além dos bosques que cobrem 75% do território, o país só tinha a oferecer sua mão-de-obra barata. Os finlandeses emigravam em massa para vizinhos ricos, como a Suécia, em busca de melhores condições de vida. Preocupados com a má qualidade das escolas públicas, os pais estavam transferindo seus filhos para instituições privadas de ensino. Em alguns desses aspectos, a Finlândia se parecia com o Brasil. A reforma educacional colocou a qualificação dos professores a cargo das universidades, com duração de cinco anos(...). A educação de qualidade foi essencial para uma virada na economia finlandesa. A mão-de-obra qualificada permitiu que a eletrônica substituísse a madeira e o papel como principais produtos de exportação. (...)

(FAVARO, Thomaz/ Revista Veja 20/02/08)

18) O objetivo do texto é:

- A) Estabelecer um paralelo entre o Brasil e a Finlândia quanto ao resultado do PISA.
- B) Dar ênfase à qualidade dos professores.
- C) Mostrar que o Brasil ocupa um dos últimos lugares no *ranking* do PISA.
- D) Revelar que a economia finlandesa era dependente das flutuações do preço da madeira.

19) De acordo com o texto, a Finlândia implementou a reforma educacional a partir dos anos 70 do século XX. O que levou a essa reforma foram alguns aspectos como, EXCETO:

- A) Emigração em massa dos finlandeses para países vizinhos em busca de melhores condições de vida.
- B) Dar ênfase à qualidade dos professores.
- C) O país só tinha a oferecer sua mão-de-obra barata.
- D) Má qualidade das escolas públicas, fazendo assim com que os pais transferissem seus filhos para instituições privadas.

20) Comprova-se, no texto, que:

- A) A economia, na Finlândia, obteve sucesso a partir da educação.
- B) Houve substituição da madeira e do papel como principais produtos de exportação.
- C) O segredo da boa educação finlandesa está na parafernália tecnológica.
- D) A educação de qualidade é essencial para o crescimento de um país.

LÍNGUA ESTRANGEIRA/INGLÊS**QUESTÕES DE 21 A 30****TEXTO I:**

In the past, evolutionary biologists contemplating the absence of wheels in nature agreed that the explanation was not undesirability: wheels would be good for animals, just as they are for us. Animals were prevented from evolving wheels, the biologists reasoned, by the following dilemma: Living cells in an animal's body are connected to the heart by blood vessels and to the brain by nerves. Because a rotating joint is essential to a wheel, a wheel made of living cells would twist its artery, vein, and nerve connections at the first revolution, making living wheels impracticable.

However, there is a flaw in the argument that the evolution of wheeled animals was thwarted by the insoluble joint problem. The theory fails to explain why animals have not evolved wheels of dead tissue with no need for arteries and nerves. Countless animals, including us, bear external structures without blood supply or nerves – for example, our hair and fingernails, or the scales, claws, and horns of other animals. Why have rats not evolved bony wheels, similar to roller skates? Paws might be more useful than wheels in some situations, but



cats' claws are retractable; why not retractable wheels? We thus arrive at the serious biological paradox flippantly termed the RRR dilemma: nature's failure to produce rats with retractable roller skates.

*** Questions 21 to 23 are related to text comprehension:**

21) The passage discusses the evolution of animals in terms of their:

- A) Behavior. C) Anatomy.
B) Genetic structures. D) Reproductive cycles day by day.

22) The concept of retractable roller skates, mentioned in the last sentence would be:

- A) An old discovered by evolutionists.
B) An evolutionary variation of claws.
C) An example of human intervention in natural development.
D) A complex structure of nerves and cells.

23) The structural material of the wheels discussed in the passage would be similar to that of:

- A) Joints. B) Scales and horns. C) Nerves and cells. D) Arteries and veins.

***Questions 24 and 25 are related to grammar points according to the text:**

24) ... "Just as they are for us" in the text means:

- A) a doubt. B) a dilemma. C) a paradox. D) a comparison.

25) The opposite of the word absence in ... "evolutionary biologists contemplating the absence of wheels in nature ..." is:

- A) Presence. B) Abstract. C) Auxiliary. D) Fact.

TEXTO II:

Can trees talk? Yes – but not in words. Scientists have reason to believe that trees do communicate with each other. Not long ago, researchers learned some surprising things. First, a willow tree attacked in the woods by caterpillars changed the chemistry of its leaves and made them taste so awful that the caterpillars got disgusted and stopped eating them. Then, even more astonishing, the tree sent out special vapors – an alarm signal stimulating its neighbors to change the chemistry of their own leaves and make them less tasty.

Communication, of course, doesn't need to be in words. We can talk to each other by a smile, a frown, a shrug of our shoulders, a gesture with our hands. We know that birds and animals use a whole vocabulary of songs, sounds, and movements. Bees dance their signals, flying in certain patterns that tell other bees where to find nectar for honey. So why shouldn't trees have ways of sending messages?

***Questions 26 to 28 are related to text II:**

26) The author states that bees are able to tell each other about:

- A) Beehives. B) Honey. C) People. D) Nectar.

27) The willow tree described in the passage protected itself by:

- A) Communicating with all the birds from there.
B) Changing its idea about the location of honey.
C) Changing its leaf chemistry.
D) Growing more branches.

28) It can be inferred from the text that bees communicate by:

- A) Making special movements. C) Making stupid noises.
B) Touching one another. D) Flying over the cities.

***Questions 29 and 30 are related to grammar points according to text II:**

29) In ... "Why shouldn't trees have ways of sending messages?" The word ways can be replaced by:

- A) Instructions. B) Methods. C) Directions. D) Features.

30) In ... "researchers learned some surprising things ..." The word surprising can be classified as:

- A) an adjet. B) an adverb. C) an expression. D) a scientific term.



TEXTO:

Grand entretien avec Fred Vargas : "Les polars, comme les contes, servent à déjouer l'angoisse de la mort"

Télérama - Publié le vendredi 15 février 2008 à 15h12 | LE FIL LIVRES | Tags : fiction

L'archéologue, médiéviste et reine du polar, cultive la discrétion. Jusque-là, on en savait plus sur son héros Adamsberg que sur elle. Mais le mystère s'éclaircit...

Il fallait s'y attendre, après les librairies, voilà que Fred Vargas, sa petite musique, sa gouaille et sa cohorte de policiers rêveurs investissent les écrans. Régis Wargnier s'est emparé l'année dernière de *Pars vite et reviens tard* pour le cinéma, aujourd'hui Josée Dayan adapte *Sous les vents de Neptune* pour la télévision. [...] Fred Vargas, alias Frédérique Audoin-Rouzeau, est aujourd'hui un des écrivains français les plus connus, les plus vendus, les plus exportés. Tout le monde a entendu parler de ses romans policiers à la fantaisie acidulée, de Jean-Baptiste Adamsberg, son héros fétiche, rêveur indéracinable, de sa double vie de romancière et d'archéozoologue au CNRS, [...].

Télérama - Vous avez toujours affirmé écrire en dilettante. Vingt ans après votre premier roman - le premier d'une série de treize -, la position n'est plus tenable !

Fred Vargas - Affirmer que je ne me prends pas au sérieux quand je travaille sur un livre ne veut pas dire que je n'écris pas sérieusement. Quand je bossais au CNRS et que mon fils était petit, je n'avais que les vacances pour écrire : trois semaines l'été pour sortir un premier jet et quelques jours à Noël et à Pâques pour les corrections. Il fallait d'abord que je gagne ma vie. Mais cela ne m'empêchait pas de travailler le mieux possible. Quel intérêt peut avoir l'écriture si on bâtit ses histoires et traite la langue par-dessus la jambe ? Depuis quatre ans, j'ai pu me mettre en disponibilité du CNRS. Mais le temps que je consacre à l'écriture est toujours le même. Je n'ai ni la puissance, ni le talent d'un Simenon, capable d'enchaîner les histoires. Je n'en ai même pas l'envie. Vous imaginez ma vie, allongée sous la couette à chercher l'idée du prochain roman ? En fait, je ne me suis jamais sentie « écrivain ». Je peux rester des semaines sans penser à mes bouquins. Jusqu'au jour où je me dis : « Fred, ça fait un an que tu n'as pas écrit, il faudrait peut-être que tu te secoues ! » L'écriture

demeure une échappée. Le succès doit quand même augmenter la pression... [...]

T. - La notoriété n'aurait donc rien changé ?

F.V. - Ce qui a changé, c'est le rapport que certaines personnes entretiennent avec moi. Depuis que le nom de Vargas apparaît dans les journaux, les demandes se multiplient de façon monstrueuse. Que faire quand on reçoit soudain quatre cents invitations à dîner ? On se retrouve dans la position de la princesse qui voudrait être aimée pour elle-même et pas parce qu'elle est princesse. Elle est dans la merde, la princesse. Comment savoir si on t'aime vraiment ? Déjà qu'en temps ordinaire ce n'est pas facile ! A part cela, rien n'a changé. Ni ma manière d'être, ni mes angoisses d'impuissance : « Ce que j'écris ne vaut rien », « Je n'ai plus d'histoires »... Pas plus que mon mode de vie. [...]

T - Que gardez-vous de l'époque de votre enfance ? L'austérité ou une enfance joyeuse ?

F.V. - Qui peut dire que son enfance a été joyeuse ? Chez nous, ce n'était pas chocolat et Coca-Cola. Mais ce n'était pas non plus l'austérité. J'ai vécu dans une famille petite-bourgeoise avec une mère chimiste et un père qui fréquentait le milieu surréaliste. La maison était un lieu de passage, un point de rencontre amical et intellectuel, où mon père dominait largement. [...] Il savait tout sur tout, que ce soit dans le domaine des arts, y compris les arts primitifs, de la littérature, de l'Histoire. Il savait tout des animaux, des insectes, des arbres, des fleurs, des oiseaux. [...] Pour gagner sa vie, il travaillait dans les assurances. Oui, je l'ai réalisé assez tard, vers 17 ans. Il n'en parlait jamais, disait « Je vais à la caisse » ou « Machin, je l'ai rencontré à la boîte ». Tout cela était très opaque. Moi, je le voyais le soir, écrire dans son bureau ou lire, assis à sa table. Ou encore venir surveiller nos devoirs.

T - Il était exigeant ?

F.V. - Très. Il fallait être à la hauteur, toujours. Il n'envisageait même pas la possibilité d'un échec. C'était lourd, tout comme l'idée que nous ne pourrions jamais faire jeu égal avec lui. Sans doute est-ce pour cela que chacun d'entre nous a choisi un domaine qu'il n'avait pas investi. Pourquoi mon frère est-il devenu historien de la Grande Guerre ? Probablement parce que ce terrain était hors du champ de mon père, qui, en bon surréaliste, détestait l'armée et les militaires. Ma sœur a choisi de peindre, ma mère a assuré le côté scientifique de la famille, la physique, la chimie, les



mathématiques, domaines hermétiques pour mon père. A 50 ans, il fallait encore lui réexpliquer la règle de trois ! Quant à moi, en faisant de l'archéologie

médiévale, je croisais les sciences et le Moyen Age. J'étais à l'abri.

Propos recueillis par Michel Abescat et Hélène Marzolf.

Traduções (Dicionário de bolso, Francês Português / Português Francês, Larousse, 2005):

Un polar (n.m.) : un roman policier
 La gouaille (n.f.) : la verve = a *verve*
 Écrire en dilettante : écrire en amateur = *amador*
 Bossait (v.i.) (inf. : bosser) : travaillait (v. inf. : travailler) = *trabalhava*
 Jet (n.m.) : (ici) esquisse = *esboço*
 Gagner sa vie : gagner de l'argent pour vivre
 Se mettre en disponibilité : *tirar licença sem vencimento*
 Par dessus la jambe : sans se préoccuper = *sem prestar atenção, sem cuidar*
 Un bouquin (n.m.) : un livre = *um livro*
 Machin : (ici) Untel, tel autre personne = *Esta pessoa*
 Échec (n.m.) : *Fracasso*

21) Au sujet de sa manière d'écrire, Fred Vargas pense:

- A) Qu'elle écrit sérieusement. C) Qu'il ne faut pas s'occuper du style.
 B) Qu'elle doit écrire tous les jours. D) Qu'elle a le talent d'écriture de Simenon.

22) A propos du temps qu'elle consacre à l'écriture, Fred Vargas:

- A) Pense qu'elle a toujours pu prendre tout son temps pour écrire ses livres.
 B) Pense que depuis 4 ans, elle peut enfin écrire quand elle le veut même si elle consacre à l'écriture toujours le même temps.
 C) Pense qu'elle écrit davantage depuis qu'elle s'est mise en disponibilité du CNRS.
 D) Pense que Noël est la meilleure période de l'année pour écrire des romans policiers.

23) Pour Fred Vargas, être célèbre signifie:

- A) Un changement complet de son mode de vie.
 B) Aucun changement.
 C) La certitude d'être aimée.
 D) Un changement dans la relation des autres personnes avec elle.

24) Selon Fred Vargas, savoir si l'on est aimé est:

- A) Facile. B) Difficile. C) Ordinaire. D) Dangereux.

25) Dans la phrase « Pas plus que mon mode de vie... », « mon » est un:

- A) Pronom personnel masculin singulier. C) Adjectif possessif masculin singulier.
 B) Adjectif possessif féminin singulier. D) Pronom possessif masculin singulier.

26) Quelle question la journaliste pose - t'elle indirectement à Fred Vargas?

- A) Qu'est-ce qui a changé avec la notoriété? C) Qu'est-ce qui n'a pas changé?
 B) Qu'est-ce que la notoriété? D) Qu'est-ce que le changement?

27) Quelle question n'équivaut pas à la question « Il était exigeant » ?

- A) Était-il exigeant ? C) Est-ce qu'il était exigeant ?
 B) Votre père était exigeant ? D) Qu'est-ce qui était exigeant ?

28) Fred Vargas a réalisé que son père travaillait dans les assurances:

- A) À environ dix sept ans. C) À plus de trente ans.
 B) Plusieurs années après ses vingt ans. D) Avant ses sept ans.

29) Le mot l'« archéologie » est un mot ?

- A) Nom masculin singulier. C) Nom masculin pluriel.
 B) Nom féminin pluriel. D) Nom féminin singulier.

30) Quelle est la forme correcte du verbe « lire » à la troisième personne du singulier « Il », du Passé composé de l'Indicatif?

- A) Il a lut B) Il a lû C) Il â lu D) Il a lu



TEXTO:

RECUERDOS

La primera luz eléctrica que conservaba en su *memoria* era una bombilla colgada de un cable pelado. Así era en la cocina, y en el comedor, y en el pequeño cuarto en el que César dormía. Bombillas sin aliento que en vez de iluminar repartían sombras. Estaban tan altos los techos, tan sucias las paredes, tan descascarillada y vieja la pintura... En algún momento el piso debió de estar limpio, debió de ser *coqueto*: cuando sus padres lo alquilaron tras la boda. Los pobres imbéciles se casaron a finales de 1935; la guerra les desbarató la vida y cualquier proyecto de decoración ulterior, si es que tenían alguno. Para cuando César nació, en 1942, exactamente nueve meses después de que su padre saliera de la cárcel, la casa ya era una ruina *mugrienta*. De su infancia recordaba la decadencia física constante: los cristales de las ventanas que se rompían y que eran reemplazados por cartones; los grifos que goteaban y que nadie arreglaba; las sillas desencoladas a las que sólo les quedaban tres patas, y en las que había que aprender a sentarse esquinadamente para mantener el equilibrio y no caerse. Una bandeja ennegrecida y otrora plateada, los residuos de una vajilla de *té* en vidrio con los filos de oro y un cenicero de porcelana roto y cuidadosamente pegado constituían los únicos restos arqueológicos de un mundo mejor definitivamente ido, de cuando la casa aspiraba a ser feliz. (Rosa Montero, *Amado mío*)

21) El texto describe el estado deplorable de:

- A) Una cocina. B) Una habitación. C) Un cuarto de baño. D) Una casa.

22) Mugrienta en el texto significa:

- A) Sucia. B) Destartalada. C) Desorganizada. D) Indeseable.

23) Memoria no lleva acento porque:

- A) Es un vocablo diacrítico. C) Es una palabra grave terminada en vocal.
B) Es una palabra esdrújula ocasional. D) Es una palabra aguda terminada en vocal.

24) Té lleva acento:

- A) Porque es una palabra esdrújula terminada en vocal.
B) Porque es una palabra monosílaba.
C) Para distinguirla del pronombre personal.
D) Porque es una palabra grave no terminada en consonante.

25) Las vocales ua de la palabra cuarto forman:

- A) Un diptongo ascendente. C) Un encuentro vocálico intrínseco.
B) Un hiato. D) Un diptongo descendente.

26) La frase: *De su infancia recordaba la decadencia física constante*, SU es:

- A) Un adjetivo determinativo indefinido. C) Un adjetivo calificativo antepuesto.
B) Un pronombre personal. D) Un adjetivo determinativo posesivo.

27) ... “Los cristales de las ventanas que se rompían y que eran reemplazados por cartones”... (L. 8/9) En esta frase los verbos están en el:

- A) Pasado Perfecto Compuesto. C) Pasado Perfecto Simple.
B) Imperfecto de Indicativo. D) Pluscuamperfecto.

28) Sin alterar su sentido en el texto, podemos sustituir la palabra coqueto por:

- A) Agradable. B) Nuevo. C) Antiguo. D) Resbaladizo.

29) La frase “La Guerra les desbarató la vida” sintácticamente se describe así:

- A) La Guerra (sujeto paciente), les (complemento reflexivo), desbarató (nucleo del sintagma nominal), la vida (complemento agente).
B) La Guerra (sujeto agente), les (complemento indirecto), desbarató (predicado nominal), la vida (complemento directo).
C) La Guerra (sujeto), les (complemento directo), desbarató (nucleo del predicado verbal), la vida (complemento indirecto).
D) La Guerra (sujeto), les (complemento indirecto), desbarató (nucleo del predicado verbal), la vida (complemento directo).

30) El número 1942 se escribe...

- A) Mil novecientos cuarenta y dos. C) Mil novecientos cuarenta y dos.
B) Mil novecientos y cuarenta y dos. D) Mil novecientos y cuarenta y dos.

**PROVA DE REDAÇÃO****Orientações Gerais**

- ❖ A Prova de Redação constará de uma produção textual de caráter predominantemente dissertativo-argumentativo baseada no tema proposto.
- ❖ Será atribuída nota ZERO à redação que se enquadre em qualquer um dos seguintes itens:
 - a) Não desenvolvimento pelo candidato do tema proposto;
 - b) Não identificação (assinatura) do candidato no local especificado;
 - c) Identificação do candidato, sob qualquer forma, fora do local especificado;
 - d) Escrita ilegível ou em letra de fôrma;
 - e) Escrita a lápis ou a caneta esferográfica com tinta de cor que não seja azul ou preta;
 - f) Escrita em outra língua que não seja a portuguesa.
- ❖ A correção da Prova de Redação considerará apenas a folha específica, não tendo nenhum valor qualquer texto escrito em outro local da Prova ou em espaços para rascunhos.
- ❖ Para o desenvolvimento do tema, na Prova de Redação, deverão ser considerados os seguintes aspectos: relação com o tema proposto, ordenação lógica das idéias, consistência argumentativa, adequação vocabular e fidelidade ao registro culto da Língua Portuguesa.
- ❖ A Redação será corrigida em obediência aos seguintes critérios:
 - I. CONTEÚDO:** análise das idéias apresentadas no texto, observando-se a relevância e a consistência dos argumentos utilizados, a coerência e a progressão textuais, além do senso crítico do candidato. Valor máximo: 50 (cinquenta) pontos.
 - II. ESTRUTURA:** a redação apresentada pelo candidato deverá ser desenvolvida de forma dissertativa argumentativa, devendo constituir-se de um conjunto articulado de idéias relacionadas a um tema proposto. Valor máximo: 20 (vinte) pontos.
 - III. EXPRESSÃO:** atenção máxima à contribuição ideativa do candidato, avaliando, ao mesmo tempo, a sua adequação vocabular ao tema, aspectos ortográficos e aspectos gramaticais. Valor máximo: 20 (vinte) pontos.
- ❖ **O candidato deverá verificar se os dados constantes na Folha de Redação (nome do candidato, número de inscrição) estão corretos e, em caso de divergência, comunicar o fato, imediatamente, ao fiscal.**
- ❖ O candidato deverá assinar a Folha de Redação, no espaço reservado. A Folha de Redação é insubstituível, não poderá ser rasurada, dobrada, amassada ou danificada.
- ❖ O candidato poderá usar como folha de rascunho o verso desta.

TEMA PROPOSTO:

Com base no mesmo artigo que compara a educação brasileira com a finlandesa, utilizado nas questões 18, 19 e 20 da Prova de Língua Portuguesa e infra transcrito, produza um texto dissertativo – argumentativo expondo suas reflexões sobre:

“A educação brasileira, causas e conseqüências da deficiência: como fazer a excelência.”

A melhor escola do mundo
(fragmento)

(...) Apesar do despojamento, as escolas finlandesas lideram o ranking do Pisa, a mais abrangente avaliação internacional de educação, feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). O último teste, em 2006, foi aplicado em 400000 alunos de 57 países. O Brasil disputa as últimas posições com países como Tunísia e Indonésia. O segredo da boa educação finlandesa realmente não está na parafernália tecnológica, mas numa aposta nas duas bases de qualquer sistema educacional. A primeira é o currículo amplo, que inclui o ensino de música, arte e pelo menos duas línguas estrangeiras. A segunda é a formação de professores. O título de mestrado é exigido até para os educadores do ensino básico.

Dar ênfase à qualidade dos professores foi um dos primeiros passos da reforma educacional que o país implementou a partir dos anos 70, e é nesse quesito que a Finlândia mais tem a ensinar ao Brasil. Quarenta anos atrás, metade da população finlandesa vivia na zona rural. A economia era dependente das flutuações do preço da madeira, já que 55% das exportações vinham da indústria florestal. Além dos bosques que cobrem 75% do território, o país só tinha a oferecer sua mão-de-obra barata. Os finlandeses emigravam em massa para vizinhos ricos, como a Suécia, em busca de melhores condições de vida. Preocupados com a má qualidade das escolas públicas, os pais estavam transferindo os filhos para instituições privadas de ensino. Em alguns desses aspectos, a Finlândia se parecia com o Brasil. A reforma educacional colocou a qualificação dos professores a cargo das universidades, com duração de cinco anos. (...)

(FAVARO, Thomas/Revista Veja, 20/02/08)

ATENÇÃO: O CANDIDATO DEVERÁ UTILIZAR O VERSO DESTA FOLHA PARA RASCUNHO DA REDAÇÃO.